

# O arquifonema /S/ na realidade brasileira: estado da arte (1920-2025)

The archiphoneme /S/ in the brazilian context: a state of art review 1920-2025

Manoella Gonçalves Bazzo<sup>1</sup> 

Rogério Vicente Ferreira<sup>2</sup> 

<sup>1</sup> Instituto Federal do Tocantins, Dianópolis, TO, Brasil

<sup>2</sup> Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil

manugbazzo@gmail.com

rogerio.ferreira@ufmt.br

**RESUMO:** Este artigo apresenta um estado da arte sobre a realização do arquifonema /S/ em coda silábica medial no português brasileiro, com base na análise de 98 trabalhos, datados de 1920 até 2025. A pesquisa bibliográfica foi conduzida nas plataformas Google Acadêmico, SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, utilizando descritores específicos para localizar estudos relevantes. Do ponto de vista geográfico, observa-se uma concentração de pesquisas nas regiões Norte e Nordeste, ao passo que outras áreas, especialmente o Centro-Oeste e parte do Sul, permanecem sub-representadas, principalmente em municípios do interior. Foram identificados 55 fatores condicionantes para a palatalização nesse contexto, com forte influência do contexto fonológico seguinte, tonicidade silábica, faixa etária e sexo. A análise também aponta a predominância de metodologias variacionistas clássicas, como o uso do programa Varbrul, com baixo uso de ferramentas estatísticas mais recentes e sofisticadas, como o Rbrul. Por fim, destaca-se como limitação a impossibilidade de acesso a trabalhos não indexados ou indisponíveis nas plataformas utilizadas, o que representa um obstáculo à completude do mapeamento. Os dados evidenciam a complexidade do fenômeno e a necessidade de novas investigações empíricas, sobretudo em regiões ainda pouco descritas, contribuindo para o avanço dos estudos fonológicos e sociolinguísticos no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquifonema /S/; fricativa coronal; variação linguística; coda silábica.

**ABSTRACT:** This article presents a state of art review on the realization of the archiphoneme /S/ in medial syllable coda position in Brazilian Portuguese, based on the analysis of 98 studies, dated from 1920 to 2025. The bibliographic research was conducted using the platforms Google Scholar, SciELO, and the CAPES Journal Portal, with specific descriptors employed to identify relevant studies. From a geographical standpoint, a concentration of research is observed in the North and Northeast regions, whereas other areas – particularly the Center-West and parts of the South – remain underrepresented, especially in smaller municipalities. A total of 55 conditioning factors for palatalization in this context were identified, with strong influence from the following

## COMO CITAR

BAZZO, Manoella Gonçalves;  
FERREIRA, Rogério Vicente. O  
arquifonema /S/ na realidade  
brasileira: estado da arte  
(1920-2025). *Revista da  
Anpoll*, v. 57, e2050, 2026.  
doi: [https://doi.org/10.18309/  
ranpoll.v57.2050](https://doi.org/10.18309/ranpoll.v57.2050)



phonological context, syllable stress, age group, and gender. The analysis also indicates the predominance of classical variationist methodologies, such as the use of the Varbrul program, and a low adoption of more recent and sophisticated statistical tools, such as Rbrul. Finally, a key limitation is the inability to access non-indexed or unavailable works on the platforms consulted, which poses a challenge to the comprehensiveness of the review. The findings highlight the complexity of the phenomenon and the need for further empirical research, especially in underrepresented regions, contributing to the advancement of phonological and sociolinguistic studies in Brazil.

**KEYWORDS:** archiphoneme /S/; coronal fricative; linguistic variation; medial syllable coda.

## 1 Introdução

A variação na realização do arquifonema /S/ tem sido objeto de atenção em diversas pesquisas voltadas à descrição e análise do português brasileiro falado em diferentes regiões do país. Como apontado por Callou (2009), essa variável tem particular relevância em função de sua sensibilidade a fatores linguísticos e sociais, o que a torna um importante indicador de processos variacionistas na língua.

Sua produção envolve tanto o contexto final de sílaba interna (coda medial) quanto final de sílaba externa (coda final), podendo ser realizada como uma alveolar surda e sonora [s, z]; uma alveopalatal surda e sonora [ʃ, ʒ]; como aspirada [h, ħ] e como zero fonético ou apagamento [Ø]. A coda interna frequentemente apresenta maior variabilidade fonética, enquanto a coda externa está sujeita a processos como ressilabação e assimilação, influenciados pelo contexto fonológico seguinte.

Embora muitos estudos tratem pontualmente da realização do /S/ em diferentes contextos linguísticos e em distintas comunidades pelo Brasil, ainda carecemos de um panorama consolidado que sistematize a produção científica existente. Em consonância a isso, o presente estudo delimita-se ao contexto de coda silábica interna, para abordar especificamente o resultado das pesquisas brasileiras em torno da realização do /S/, sem se deter em fenômenos de ressilabação ou reestruturação silábica que ocorrem em contextos de coda final, os quais representam outra dimensão do fenômeno.

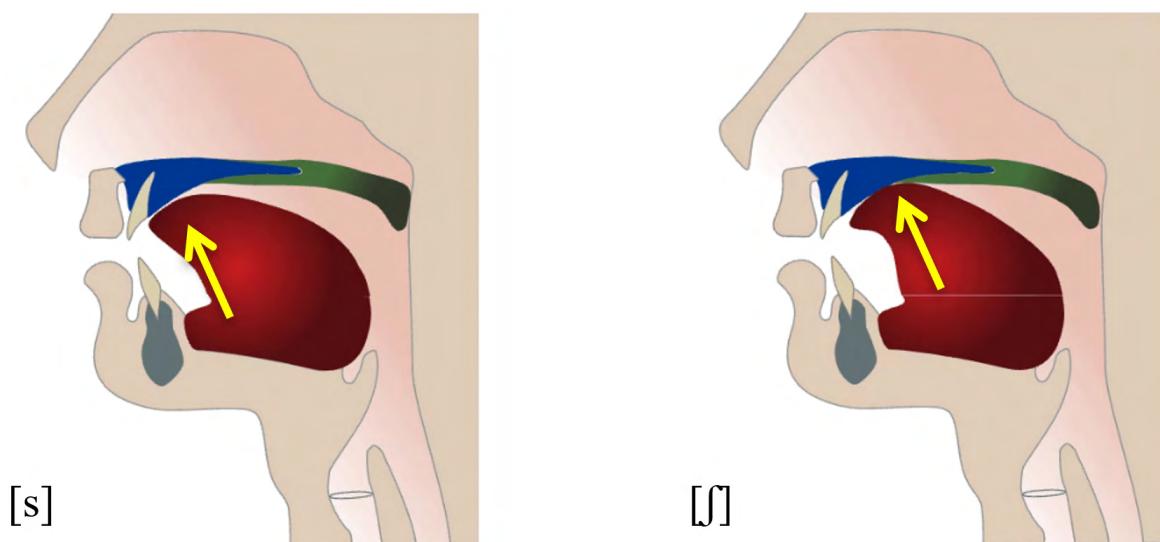
Além disso, trazemos um panorama mais específico sobre a realização envolvendo a variante alveopalatal nesse contexto, considerada uma variante menos difundida (Marins; Margotti, 2012), porém um forte estereótipo sociolinguístico de diferentes comunidades linguísticas dentro do Brasil, como Belém-PA, Rio de Janeiro-RJ e Florianópolis-SC.

Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar um estado da arte sobre o tema, mapeando as pesquisas publicadas até 2025 que abordam, de forma direta ou indireta, esse fenômeno no português brasileiro, com vistas a identificar regularidades e possíveis direções para investigações futuras.

Além disso, ao reunir e interpretar criticamente a produção científica existente, este trabalho oferece uma contribuição valiosa para pesquisadores interessados em fonologia, sociolinguística e descrição dialetal, servindo como base para futuras investigações empíricas, sobretudo em regiões ou recortes ainda pouco explorados.

## 2 Sobre a fricativa coronal no português brasileiro

De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), os sons fricativos são formados a partir da turbulência do jato de ar que sofre alguma obstrução dentro do trato vocal. As consoantes fricativas caracterizam-se por uma “[...] resistência acentuada à passagem da corrente de ar pelo trato vocal devido à constrição que se forma pela grande aproximação entre dois articuladores” (Cristófar-Silva *et al.*, 2019, p. 26). Observamos um exemplo dessa constrição com relação aos sons [s] e [ʃ] (Ex.: sopa e coxa, respectivamente) na Figura 1.



**Figura 1** – Configuração do trato vocal na articulação das fricativas [s] e [ʃ].

Fonte: Adaptado de Fonologia.org (2026).

Na Figura 1, a seta amarela aponta o lugar de articulação que confirma o estreitamento do trato vocal caracterizando o som fricativo, em que a primeira consoante envolve os articuladores ponta da língua e alvéolos – fricativa alveolar [s], como em sapo ['sapu]; e a segunda, os articuladores parte anterior da língua e o palato duro – fricativa alveopalatal [ʃ], como em chave ['ʃavi].

No português brasileiro, os sons fricativos compõem o maior grupo fonético (dez segmentos: [f], [v], [s], [z], [ʃ], [ʒ], [X], [ɣ], [h] e [ɦ]). Por apresentar tamanha quantidade de fones, as fricativas contribuem para uma grande parte da variação linguística que ocorre na língua, especialmente no contexto final de sílaba.

Nesse contexto específico, alguns desses sons fricativos se agrupam formando o arquifonema /S/ ([s], [z], [ʃ], [ʒ]) na classificação fonológica do português. Por isso, podemos encontrar a variação na produção de palavras como pasta ['pastɐ] e ['paʃtɐ]; dois ['dois] e ['doiʃ]; asno ['aznu] e ['aʒnu].

A diversidade de realizações fonéticas associadas ao arquifonema /S/ tem suscitado uma ampla gama de investigações e reflexões sobre o funcionamento da linguagem no português. Os registros iniciais remontam a estudos de cunho linguístico-dialetal voltados à descrição das variedades regionais. Um exemplo representativo é o trabalho de Amaral (1920), que, ao descrever o dialeto da antiga província de São Paulo, observa a ausência da realização palatal de /S/.

Antenor Nascentes (2023), ao empreender uma descrição abrangente do português falado na cidade do Rio de Janeiro, destaca a realização alveopalatal do fonema /s/ em distintas posições na palavra como uma característica marcante da fala carioca.

Marroquim (1934), por sua vez, desenvolve uma análise dialetal voltada para a região Nordeste, com ênfase nos estados de Alagoas e Pernambuco. Em sua descrição, o autor resalta a realização do arquifonema /S/ como alveopalatal, observando ainda a ocorrência de vozeamento condicionado pelo contexto fonológico. Ademais, Seraine (1938 *apud* Jesus, 2014) e Castro (1958 *apud* Jesus, 2014) também registram o /S/ na variedade falada no Ceará, destacando a alternância entre as realizações alveolar e alveopalatal nesse contexto linguístico.

Com o desenvolvimento da linguística brasileira, numerosos estudos passaram a ser conduzidos em diferentes regiões do país, ampliando a compreensão sobre o comportamento do arquifonema /S/, dentre elas a coexistência e a concorrência entre as variantes alveolar [s, z] e alveopalatal [ʃ, ʒ]. Um dos trabalhos que se destacam é o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com 25 pontos de coleta, em que foi possível identificar como centros urbanos com predominância das realizações palatais [ʃ, ʒ] as capitais Rio de Janeiro (RJ), Belém (PA), Florianópolis (SC), Macapá (AP), Recife (PE), Manaus (AM), Cuiabá (MT) e Salvador (BA) (Mota; Jesus; Evangelista, 2010). Por outro lado, Hora e Brandão (2021), com base na sistematização de diversos estudos, indicam que a variante alveolar [s, z] tende a caracterizar linguisticamente as capitais São Paulo (SP) e Porto Alegre (RS), ao passo que a variante alveopalatal [ʃ, ʒ] se destaca como traço distintivo nas capitais do Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE) e Florianópolis (SC).

Ademais, outras variantes recorrentes no contexto de coda são a aspirada [h] e o apagamento [Ø], advindo do processo de enfraquecimento da fricativa coronal no português. De acordo com Hora (2002, p. 209), esse processo apresenta uma dinâmica “com tendências à manutenção da alveolar, à palatalização, ao enfraquecimento e ao apagamento”. Além disso, sua ocorrência é ampliada pelo fator lexical, relacionado ao vocábulo mesmo (Toledo; Cantoni, 2021). Exemplos do fenômeno:

- a) go[s]to ~ go[ʃ]to ~ go[h]to
- b) me[z]mo ~ me[ʒ]mo ~ me[h]mo ~ me[Ø]mo

Cumprе destacar que, no contexto de coda externa ou final de palavra, o fenômeno é mais favorecido. Como explica Hora (2002, p. 210):

o Português, como outras línguas, a exemplo do Espanhol, dá preferência a *onsets*, apagando inúmeras vezes a coda. Assim, um /s/ em posição de coda que coincida com a fronteira da palavra pode silabificar com o *onset* da sílaba inicial da palavra seguinte, desde que essa palavra inicie com vogal. Se a palavra começa com consoante, há forte tendência a bloquear esse tipo de silabificação, e consequentemente o /s/ é apagado [...].

Exemplos dessa ocorrência são:

- a) doi[z] menino[Ø] ~ doi[h] menino[Ø] ~ doi[Ø] menino[Ø];
- b) lápi[z] azul ~ lápi[Ø] azul

Nesse sentido, voltamo-nos, especificamente, para a compreensão da variação do /S/ no contexto de coda medial, em que o grau de enfraquecimento é menos verificável.

## 2.1 Metodologia

A fim de conhecer a realidade científica brasileira em torno do arquifonema /S/ em coda medial, elaboramos uma revisão bibliográfica do tipo estado da arte sobre o tema. Conforme Ferreira (2002), pesquisas dessa natureza assumem caráter bibliográfico e buscam mapear e discutir a produção acadêmica sobre determinado campo de conhecimento, observando os aspectos mais pesquisados e analisados em diferentes períodos, espaços e condições de produção. Romanowski e Ens (2006) ressaltam ainda que estudos do tipo estado da arte exigem procedimentos de localização, seleção, organização e análise dos trabalhos, de modo que seja possível identificar tendências, recorrências, lacunas e limites da área investigada.

Ademais, conforme Cruz e Ferreira (2023, p. 9), esse tipo de pesquisa traz como ação principal o termo “mapear”, buscando conhecer de forma ampla “[...]conceitos, entendimentos e publicações, traçando um panorama geral do conteúdo destas publicações”. Desse modo, o estado da arte contribui para o desenvolvimento científico da área ao organizar criticamente a produção existente e indicar caminhos possíveis para pesquisas futuras.

Com base nessa compreensão, o presente artigo assume o estado da arte como um mapeamento descritivo-analítico das produções sobre a realização do arquifonema /S/ em coda medial no português brasileiro. Diferencia-se, portanto, de uma revisão narrativa, por adotar *corpus* delimitado e critérios explícitos de busca e seleção; também não se configura como revisão sistemática, pois não envolve protocolo de avaliação de qualidade metodológica, meta-análise ou síntese de evidências (Cavalcante; Oliveira, 2020; Rother, 2007).

Em tempo, considerando as ponderações de Ferreira (2002) sobre os limites do uso exclusivo de resumos em pesquisas do tipo estado da arte, este estudo não se restringiu à leitura dos resumos das obras localizadas. Sempre que disponíveis, foram consultados os textos completos; nos casos em que o acesso integral não foi possível, utilizamos as informações disponíveis em resumos, referências cruzadas e citações em trabalhos posteriores, registrando-se essa limitação metodológica.

A partir disso, o levantamento bibliográfico foi realizado nas plataformas Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos Capes entre novembro de 2023 a janeiro de 2024, e, posteriormente, realizou-se uma busca complementar em maio de 2026, com o objetivo de verificar publicações referentes aos anos de 2024 e 2025. A pesquisa foi realizada utilizando as seguintes palavras-chave: “fricativa alveolar”, “fricativa alveopalatal”, “fricativa coronal”, “fricativa sibilante”, “/S/ pós-vocálico”, “/S/ coda medial”, “/S/ fonema linguística”, “sibilante coronal”.

Como caráter de inclusão, foram considerados somente os trabalhos publicados que abordavam, direta ou indiretamente, a produção do /S/ no contexto de coda medial na realidade do português brasileiro, que apresentassem dados empíricos, descrição dialetal, análise fonológica, sociolinguística, variacionista ou geolinguística relacionada ao fenômeno, publicados até 2025. Também foram examinadas as referências bibliográficas dos trabalhos localizados, a fim de identificar estudos não recuperados diretamente pelas buscas nas plataformas. Os trabalhos analisados dividiram-se em artigos, teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livro, relatórios técnico-científicos e projetos de pesquisa. Para

cada obra incluída, registraram-se autoria, ano de publicação, tipo de trabalho, localidade investigada, região brasileira, variante predominante, banco de dados utilizado, método ou programa estatístico empregado e fatores condicionantes apontados pelos autores. Por outro lado, não consideramos os trabalhos que destacavam a produção da variável em outras línguas; que tratavam especificamente do contexto de coda final; que abordavam somente sobre a percepção, avaliação ou acústica da variável nas comunidades pesquisadas; que mencionassem o fenômeno apenas de modo tangencial, sem resultados ou discussão aproveitáveis para o mapeamento; e que não permitissem identificar minimamente o objeto, a localidade investigada ou os resultados relacionados ao fenômeno aqui destacado.

Ao todo<sup>1</sup>, foram encontrados: um projeto, três trabalhos de conclusão de curso (TCC), cinco livros, cinco relatórios técnico-científicos, 12 teses, 14 capítulos de livro, 19 dissertações e 39 artigos, totalizando 98 publicações. Cumpre ressaltar que alguns trabalhos foram acessados somente a partir de obras que os citaram, enquanto outros tivemos acesso total a partir da busca realizada.

Com isso em vista, apresentamos a síntese do estado da arte elaborada a partir da leitura dos trabalhos encontrados, destacando os principais fatores relacionados à produção do /S/ em diferentes comunidades do Brasil.

### 3 Estado da arte sobre o /S/ em contexto de coda medial

Conforme a pesquisa realizada, um dos primeiros estudos a destacar características sobre o /S/ numa comunidade de fala brasileira é o de Amaral (1920), que traz alguns apontamentos sobre o que o próprio autor denomina de “dialeto caipira”, ao referir-se à fala de pessoas humildes da região da antiga província de São Paulo. Como já destacado anteriormente, nessa comunidade, a variante alveopalatal não era realizada e o apagamento em final de palavras (Ex.: pires > pire', imos > imo') e na marcação do plural (Ex.: duas casas > duas casa', minhas filhas > minhas filha') já era comum e verificável.

Na mesma toada, Antenor Nascentes, em 1922, desenvolveu um trabalho sobre a realidade linguística da cidade do Rio de Janeiro, em que destacou a realização da alveopalatal naquela comunidade em todas as posições (início, meio e final de palavra). Conforme o autor, na posição de final de palavra ocorria o apagamento, porém, entre as “classes cultas” permanecia o uso da alveopalatal. Além disso, ele destacou que o vozeamento é respeitado durante a produção da variante, ou seja, antes de contexto surdo, a alveopalatal também é surda e vice-versa para o contexto sonoro (Ex.: escama [ɪʃ'kãme]; rasgo ['razgu]).

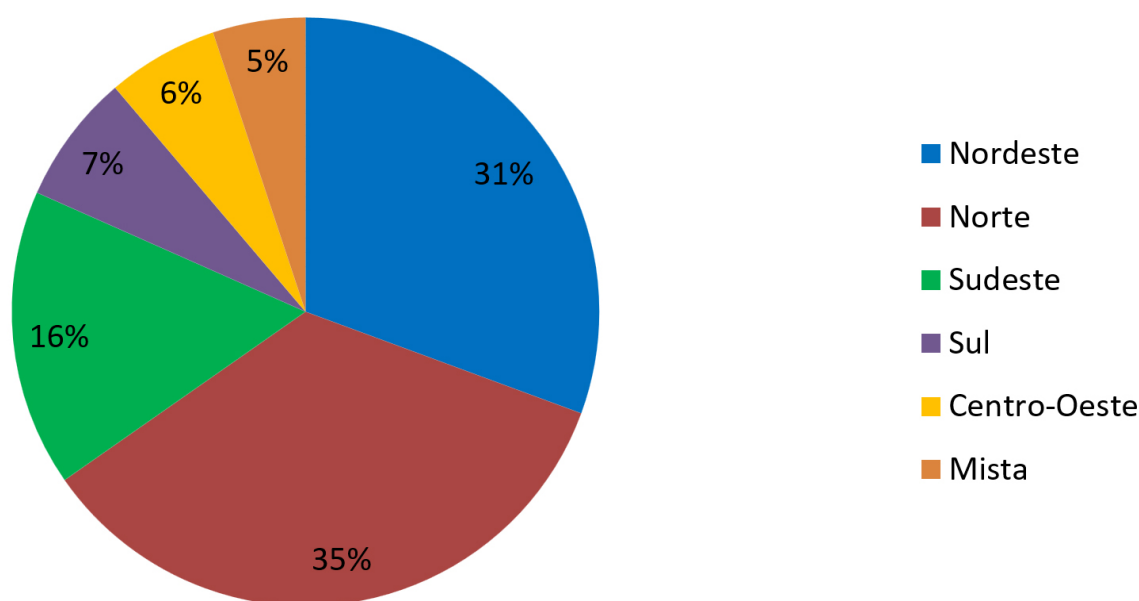
De lá pra cá, outras comunidades foram sendo incorporadas em pesquisas por todo o Brasil, envolvendo a realidade de diferentes municípios nas cinco regiões. O mais recente é resultado da minha tese (Bazzo; Ferreira, 2025), em que apresento a realização do /S/ no sul do Pará.

---

<sup>1</sup> A lista de trabalhos até 2023 encontra-se publicada na tese (Bazzo, 2024). A lista apresenta colunas indicando o(s) autor(es) da obra e sintetizando alguns pontos como: local pesquisado, variante padrão, tipo de trabalho, região brasileira, banco de dados utilizado, programa ou método de quantificação e tratamento dos dados e os principais condicionantes. Os títulos mais recentes encontram-se destacados nas Referências deste artigo.



Uma primeira observação possível é sobre a concentração dos trabalhos, como apresentado no Gráfico 1. Nesse, a quantidade de estudos equivale à citação de cada região, contudo houve trabalhos que citaram mais de uma região, como é o caso de Mota, Jesus e Evangelista (2010), que abordaram a realização da variável nas capitais brasileiras a partir de dados do ALiB, ou o trabalho de Mota e Rollemberg (1997), que trata sobre o fenômeno nos estados da Bahia, Sergipe e Minas Gerais. Essa realidade foi destacada como “Mista” nos dados analisados.



**Gráfico 1** – Distribuição dos trabalhos envolvendo o /S/ por regiões brasileiras

Fonte: Elaboração própria (2026), com base nos trabalhos analisados no estado da arte.

A partir do Gráfico 1, observamos que, tanto na região Nordeste quanto na região Norte, há um equilíbrio de trabalhos, sendo 34 pesquisas na região Norte (35%) e 30 na região Nordeste (31%); em terceiro lugar fica a região Sudeste, com 16 estudos (16%); depois, a região Sul, com sete trabalhos (abordando principalmente a realidade do município de Florianópolis-SC) (7%) e, por último, a região Centro-Oeste, com seis pesquisas (6%), com destaque para Cuiabá-MT. Com relação aos trabalhos que abordaram a realidade de mais de uma região, localizamos cinco trabalhos dessa natureza (5%).

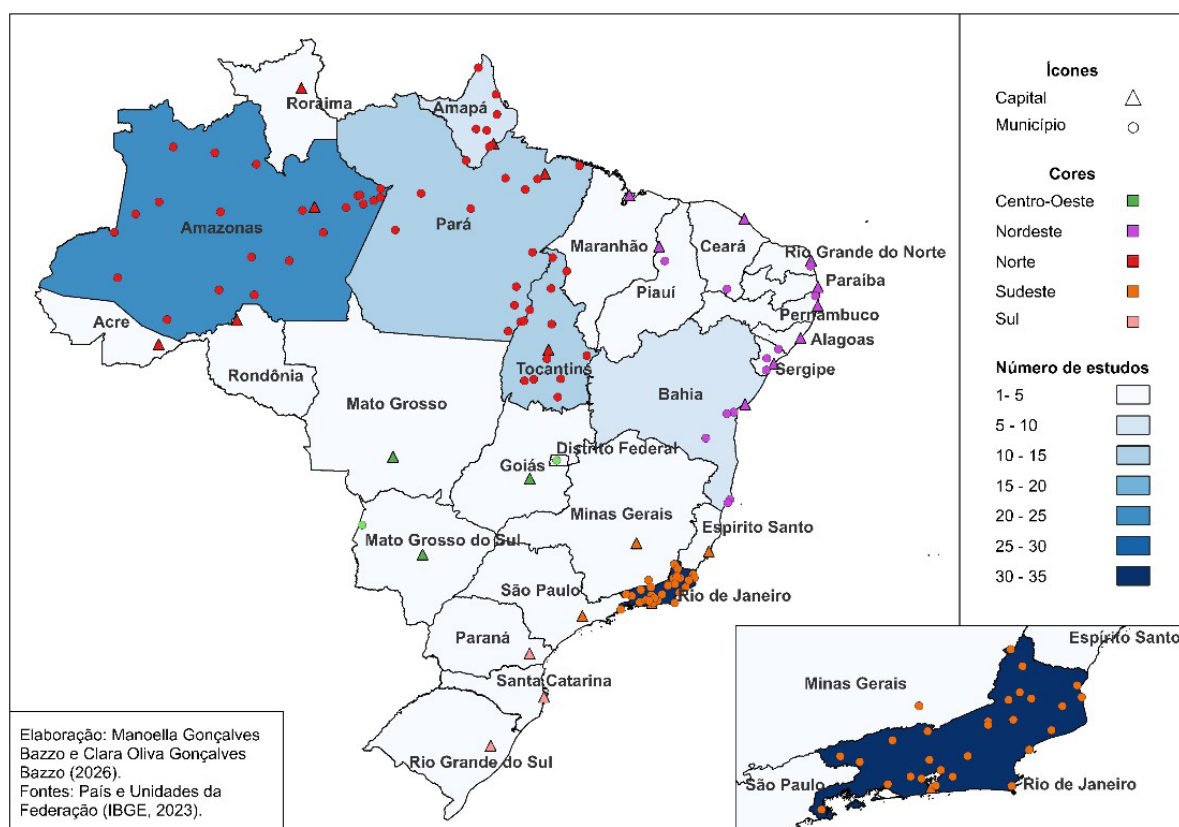
Os estudos no Nordeste apresentam resultados referentes a todas as capitais da região, e ainda envolvem outros municípios de alguns estados, como Estância e Itabaiana em Sergipe; São José do Mipibu no Rio Grande do Norte; Crato no Ceará; Helvécia e Caravelas na Bahia; Goiana em Pernambuco. Já os estados de Alagoas, Paraíba, Piauí e Maranhão são contemplados apenas nas capitais, ou de maneira genérica, por exemplo, no trabalho de Hora (1999), que traz um panorama geral sobre a linguagem na Paraíba.

Sobre o Norte, também, há pesquisas trazendo a realidade de todas as capitais, porém, somente os estados do Amazonas, Pará, Amapá e Tocantins possuem pesquisas envolvendo outros municípios. Com relação à região Sudeste, além das capitais, somente os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais apresentam trabalhos que trazem a realidade de outras cidades, por exemplo, Juiz de Fora-MG, Duque de Caxias-RJ e Nova Iguaçu-RJ.

Já sobre a região Centro-Oeste, apenas no estado de Mato Grosso do Sul, há pesquisas envolvendo outros municípios além das capitais; e, no Sul, as pesquisas contemplam apenas a realidade das capitais.

Uma observação interessante é que os primeiros trabalhos enfatizavam a realidade das regiões Nordeste e Sudeste, e a região Norte foi a última a apresentar um trabalho nessa área, cuja primeira publicação foi a dissertação de Rosana Siqueira de Carvalho, com o título de *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*, no ano de 2000. Todavia, atualmente, o Norte aparece como a região com mais trabalhos publicados.

A disposição geográfica dos trabalhos encontrados encontra-se na Figura 2.



**Figura 2** – Distribuição dos trabalhos sobre o /S/ em coda medial no território nacional

Fonte: Elaboração própria (2026), utilizando o software QGIS<sup>2</sup>, com base de dados do IBGE (2023).

Com base na Figura 2, notamos que a maior rede de pontos está sobre os estados do Amazonas, Tocantins, Amapá, Pará e Rio de Janeiro. São propostas que se embasam na construção de atlas linguísticos, como Maia (2018) no Amazonas e Silva (2018) no Tocantins; e atlas fonéticos, como Brandão (2009). Além disso, a maior parte dos trabalhos da região Sul (oito estudos) trata sobre a realização do /S/ no município de Florianópolis-SC.

<sup>2</sup> QGIS é um *software* livre com código-fonte aberto, multiplataforma de sistema de informação geográfica que permite a visualização, edição e análise de dados georreferenciados. QGIS.ORG. *Download QGIS para a sua plataforma*. Winterthur: QGIS.ORG, 2026. Disponível em: <https://qgis.org/download/>. Acesso em: 4 jun. 2026.

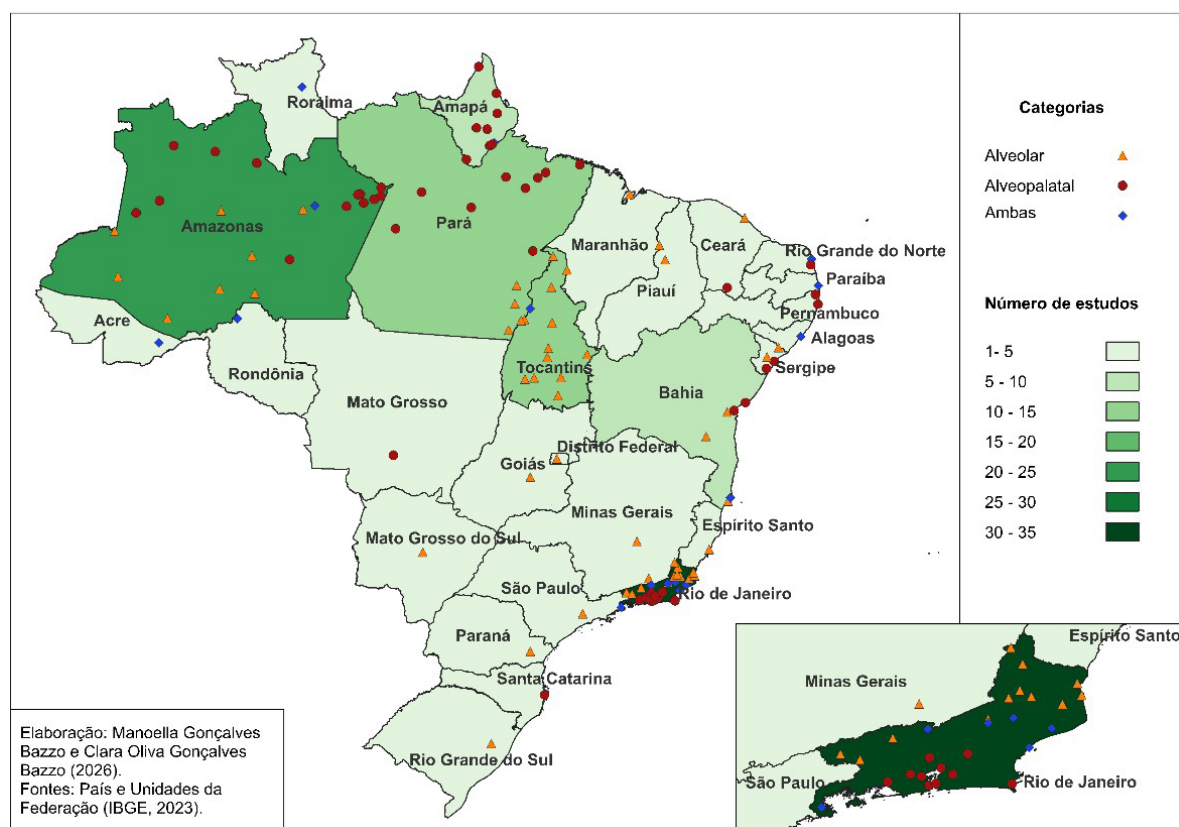


Observou-se ainda que o maior interesse dos estudos persegue a realização da variante alveopalatal, estereótipo linguístico que acabou caracterizando a região Norte, marcadamente a capital do Pará, Belém, e o estado do Rio de Janeiro, na fala carioca. Conforme Callou (2009), a partir das inúmeras pesquisas desenvolvidas desde o trabalho de Nascentes (2023), a cidade de Rio de Janeiro é conhecida por ser uma região fortemente marcada pela alveopalatal, caracterizando o “chiado carioca”. Esse estereótipo linguístico teria origem na influência portuguesa que marcou a cidade com a vinda da corte em 1808 e mais de 25 mil portugueses se instalando na colônia (Bassi, 2011).

Desde então, a variante alveopalatal ganha certo prestígio, reconhecida como “uma pronúncia nobre”, e se estende para outras regiões como o Nordeste (Callou, 2009). Essa distribuição pode estar relacionada com a localização de cidades portuárias dos séculos XVIII e XIX, como Santos-SP, Salvador-BA, Recife-PE, Fortaleza-CE, Belém-PA, Manaus-AM e Rio de Janeiro-RJ (Bassi, 2011).

Como observado na Figura 3, a distribuição da alveopalatal segue em direção ao Nordeste, alcançando o Norte. Nesse espaço, a alveopalatal também se relaciona com a presença de portugueses na região, especialmente em Belém. Conforme explica Rodrigues (1996), a região mais ao norte do Brasil (Maranhão e Pará) só foi colonizada a partir do século XVII, em que houve o contato da língua do colonizador com a língua de grupos indígenas na região, especialmente, os tupinambás, dando origem ao que os historiadores chamam de Língua Geral Amazônica (LGA).

Sobre a realidade de Florianópolis-SC, Bassi (2011) e Brescancini (2015) destacam a relevância da colonização açoriana, ocorrida em meados de 1700, como influência para a forte presença da alveopalatal nessa comunidade.



**Figura 3** – Distribuição dos trabalhos analisados por realização das variantes alveolar e alveopalatal  
Fonte: Elaboração própria (2026), utilizando o software QGIS, com base de dados do IBGE (2023).

A partir da Figura 3, notamos pontos de forte predominância da alveopalatal, como estados da região Norte (com exceção ao estado do Tocantins), algumas localidades do Nordeste e o estado do Rio de Janeiro. Por outro lado, a variante alveolar é predominante no Centro-Oeste, Sudeste e Sul, com exceção às capitais Cuiabá-MT e Florianópolis-SC. Alguns trabalhos apresentaram resultados com realização de ambas as variantes no contexto de coda medial, como nas capitais nortistas: Boa Vista-AC e Porto Velho-RO; as capitais nordestinas: João Pessoa-PB, Natal-RN e Maceió-AL; além de alguns municípios do Rio de Janeiro, como Paraty, Quissamã e Santa Maria Madalena.

Podemos observar que a variante alveopalatal é um fenômeno que se firma na costa brasileira, adentrando com mais profusão a partir da região Norte no curso do rio Amazonas, seguindo o modal hidroviário, cuja relação, podemos concluir, advém da localização de cidades portuárias dos séculos XVIII e XIX (Bassi, 2011) – como destacado anteriormente.

Notamos que essa dinâmica de certa forma é mantida, à diferença da variante alveolar, que apesar de também existir na costa brasileira é a que mais adentrou em direção ao interior do território. Sem aprofundar muito na discussão, mas provocando-a, podemos pensar que tal difusão pode estar imbricada com as expedições bandeirantes que, entre 1550 a 1720, levaram o idioma paulista ao interior do país, como se observa na Figura 4. Sabemos que a fala paulista é caracterizada pela variante alveolar (Amaral, 1920; Mota; Jesus; Evangelista, 2010; Lourenço; Aguilera, 2010) o que pode ter contribuído, em partes, para essa realidade dialetal no território.

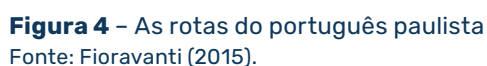
Ao mesmo tempo, no contexto mais nortista, podemos relacionar a expansão da variante alveolar ao projeto de integração da Amazônia ao restante do Brasil, especialmente realizado a partir do desenvolvimento do modal rodoviário, como a Belém-Brasília (BR-010), já nos anos finais do século XX.

Adiante, a questão central em pesquisas de natureza linguística é observar a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos na variação. Sendo assim, considerando a importância da variante alveopalatal como um estereótipo sociolinguístico em diversas comunidades brasileiras, compilamos quais foram os principais condicionantes linguísticos e sociais para a realização dessa variante entre os trabalhos analisados. Com isso, elaboramos uma lista com 55 diferentes fatores condicionadores, apresentados no Quadro 1.

De acordo com o Quadro 1, observamos que o contexto linguístico que mais favorece a realização da alveopalatal é o fone [t] (como em *costa*, *testa*), mencionado 39 vezes nas pesquisas, seguido do fone [d] (como em *desde*, *desdobrar*), citado 21 vezes. Conforme Mota (1994), a palatalização do /S/ deve ter origem diante de consoantes dentais, sendo mais favorecida pela oclusiva dental desvozeada [t], cujo contexto ainda permanece como o mais favorecedor do fenômeno. Tal fato, quando comparado aos dados do Quadro 1, condiz com a realidade das pesquisas e da realização palatalizada de /S/, visto que o contexto seguinte aparece oito vezes, em que as consoantes dentais aparecem seis vezes ([t], [d], [tʃ], [dʒ], [n], [l]).

Outro contexto que favorece a palatalização é o contexto surdo da consoante subsequente (com 11 menções), o qual pode ser compreendido a partir da maior ocorrência diante da oclusiva dental surda [t] e da africada alveopalatal surda [tʃ].

Além disso, a alveopalatal esteve mais frequente em sílaba tônica. De acordo com Bassi (2011), a hipótese da tonicidade para a realização alveopalatal deve-se à maior energia articulatória para a sua realização, fato confirmado na pesquisa realizada pela autora envolvendo



11

**Quadro 1** - Principais condicionantes de realização da variante alveopalatal nos trabalhos analisados

| Nº | Fator condicionante          | Menção | Nº | Fator condicionante                           | Menção |
|----|------------------------------|--------|----|-----------------------------------------------|--------|
| 1  | Contexto seguinte [t]        | 39     | 29 | Contexto seguinte [b]                         | 03     |
| 2  | Contexto seguinte [d]        | 21     | 30 | Contexto precedente [e]                       | 03     |
| 3  | Sexo (mulher)                | 19     | 31 | Contexto precedente (vogais nasais)           | 03     |
| 4  | Contexto seguinte [tʃ]       | 16     | 32 | Faixa etária (intermediária)                  | 03     |
| 5  | Faixa etária (mais jovem)    | 12     | 33 | Extensão (dissílabo)                          | 02     |
| 6  | Contexto seguinte [dʒ]       | 11     | 34 | Contexto seguinte [v]                         | 02     |
| 7  | Contexto seguinte (surdo)    | 11     | 35 | Contexto seguinte [r]                         | 02     |
| 8  | Contexto seguinte [n]        | 11     | 36 | Contexto seguinte [m]                         | 02     |
| 9  | Faixa etária (mais velha)    | 10     | 37 | Modo de articulação do cont. seg. (africada)  | 02     |
| 10 | Contexto seguinte [l]        | 09     | 38 | Sílaba átona                                  | 01     |
| 11 | Contexto seguinte [k]        | 09     | 39 | Proparoxítone/ paroxítone                     | 01     |
| 12 | Sílaba tônica                | 09     | 40 | Ponto de articulação do cont. seg. (palatal)  | 01     |
| 13 | Escolaridade (fundamental)   | 07     | 41 | Ponto de articulação do cont. seg. (labial)   | 01     |
| 14 | Contexto seguinte [p]        | 07     | 42 | Ponto de articulação do cont. seg. (alveolar) | 01     |
| 15 | Contexto seguinte [g]        | 07     | 43 | Ocupação (média/baixa)                        | 01     |
| 16 | Sílaba pré-tônica            | 07     | 44 | Modo de articulação do cont. seg. (oclusiva)  | 01     |
| 17 | Sexo (homem)                 | 07     | 45 | Modo de articulação do cont. seg. (lateral)   | 01     |
| 18 | Contexto precedente [u]      | 07     | 46 | Localidade (mais afastado da cidade)          | 01     |
| 19 | Escolaridade (ens. superior) | 06     | 47 | Extensão (monossílabo)                        | 01     |
| 20 | Contexto seguinte [f]        | 06     | 48 | Estilo formal                                 | 01     |
| 21 | Contexto precedente [i]      | 06     | 49 | Contexto seguinte [ʒ]                         | 01     |
| 22 | Contexto precedente [ɔ]      | 06     | 50 | Contexto seguinte [ʃ]                         | 01     |
| 23 | Contexto seguinte [x]        | 05     | 51 | Contexto seguinte [r]                         | 01     |
| 24 | Contexto precedente [o]      | 05     | 52 | Contexto seguinte (palatais [ɲ, ʎ])           | 01     |
| 25 | Contexto precedente [a]      | 05     | 53 | Contexto precedente [w]                       | 01     |
| 26 | Contexto precedente [ɛ]      | 04     | 54 | Classe gramatical (verbo)                     | 01     |
| 27 | Escolaridade (nível médio)   | 04     | 55 | Classe gramatical (nome)                      | 01     |
| 28 | Estilo informal              | 04     |    |                                               |        |

Fonte: Elaboração própria (2026), com base nos trabalhos analisados no estado da arte.

(contextos tidos como [+forte])”. Exemplo para essa regra é a realização das palavras *costa* [ˈkɔʃtɐ] e *gosta* [ˈɡɔʃtɐ], a qual é constatada nos dados gerais considerando os trabalhos aqui analisados, demonstrando, portanto, uma proposta firme de condicionantes para a palatalização do /S/ no contexto medial.



Sobre as variáveis sociais, a realização da variante alveopalatal é favorecida pelas mulheres, apontada em 19 trabalhos, enquanto os homens aparecem somente em sete pesquisas. Tal fato corrobora o achado de Bhat (1978), após pesquisa realizada com 120 línguas por todo o mundo: existe uma relação entre a palatalização e a fala feminina, ou seja, as mulheres favorecem mais esse fenômeno.

Pelo viés sociolinguístico, Labov (2001, 2008) explica que, em falas mais monitoradas, as mulheres tendem a utilizar menos as formas estigmatizadas do que os homens, sendo mais sensíveis ao padrão de prestígio, ao mesmo tempo em que elas demonstram maior grau de alternância linguística: “mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais” (Labov, 2008, p. 281-282).

Nesse sentido, a variável sexo possui uma significância para o processo de mudança linguística, no qual as mulheres tendem a assumir a liderança quando a forma implementada é socialmente prestigiada; por conseguinte, quando a variante caracteriza-se como desprestigiada, as mulheres tornam-se mais conservadoras e os homens assumem a liderança do processo (Labov, 2001, 2008; Paiva, 2012).

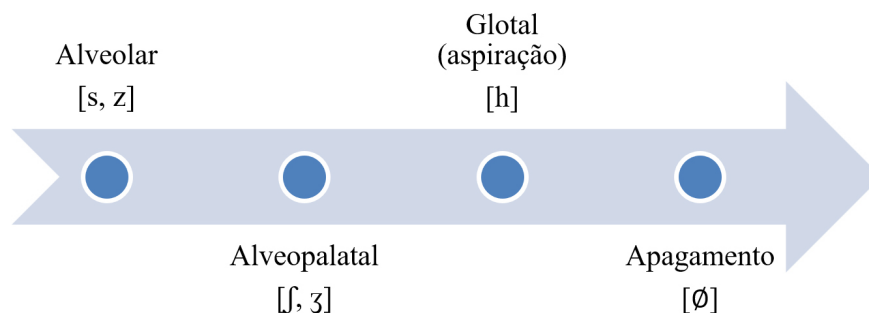
Repassando os trabalhos analisados, cruzando a presença das mulheres com as demais variáveis sociais destacadas no Quadro 1, observamos a relação entre faixa etária e sexo, em que as mulheres mais jovens lideram a realização da alveopalatal no contexto medial, nos seguintes trabalhos: Scherre e Macedo (1991), no Rio de Janeiro-RJ; Martins (2003 *apud* Santos, 2012) e Razky (2010), em Bragança-PA; Cruz (2004 *apud* Maia; Martins; Cruz-Cardoso, 2017) e Cruz-Cardoso (2018), em municípios do Amazonas; Monteiro e Hora (2009) e Monteiro (2009), em Macapá-AP; Cardoso (2018), em Manaus-AM. Considerando que existe diferença na fala de falantes mais jovens e falantes mais velhos, em que os mais jovens lideram o uso de variantes inovadoras e também da mudança linguística na comunidade (Labov, 1994), essa relação entre faixa etária e sexo pode indicar um caráter inovador da variante alveopalatal que carrega certo prestígio na comunidade.

Por outro lado, semelhante relação – agora com a faixa etária mais velha –, notamos que a ocorrência da variante palatal é favorecida por mulheres e por pessoas de faixa etária mais alta, como Almeida (2008), em diversos municípios do Rio de Janeiro; Bassi (2011, 2016), no município de Florianópolis-SC; Lima (2017) e Lima e Scherre (2018) na comunidade de Caravelas-BA. Nesse sentido, as mulheres adotam o caráter mais conservador, em que a variante padrão é a alveopalatal.

Ademais, analisando alguns trabalhos, percebemos que enquanto as mulheres tendem ao uso mais recorrente da variante alveopalatal no contexto de coda medial, os homens tendem ao uso da glotal ou do apagamento. Aguiar (2010, p. 202) explica que:

Quanto ao gênero, já foi falado que as mulheres tendem a utilizar mais as variantes inovadoras caso sejam as formas de maior prestígio. Observamos isso no processo de palatalização, em que o gênero feminino é o implementador da aplicação da regra. O que se observa para o apagamento (e para a glotalização também) vem reforçar essa hipótese, pois é o gênero masculino que se apresenta como implementador dos processos de não palatalização.

Sendo assim, ao considerarmos o processo de enfraquecimento da fricativa coronal no português brasileiro (Hora, 2002), notamos que, na escala apresentada na Figura 5, os homens estão no final do processo de enfraquecimento, enquanto as mulheres estão no início, ou seja, destaca-se novamente o caráter mais conservador na fala feminina.



**Figura 5** – Processo de enfraquecimento da fricativa coronal no PB

Fonte: Elaborado a partir de Hora (2002).

Ademais, outras observações realizadas dizem respeito aos programas de análise estatística utilizados para a análise dos dados. O resultado apresenta-se no Quadro 2.

**Quadro 2** – Programas de análise estatística utilizados nos trabalhos analisados

| Programa estatístico | Quantidade |
|----------------------|------------|
| Varbrul/GoldVarb     | 43         |
| Programa R/ Rbrul    | 05         |
| Outros               | 09         |
| Não mencionou        | 41         |
| Total                | 93         |

Fonte: Elaboração própria (2026), com base nos trabalhos analisados no estado da arte.

Observamos que a maior parte dos trabalhos (43 pesquisas) utilizou os programas Varbrul/GoldVarb e suas versões, muito comum em pesquisas de natureza dialetológica e sociolinguística. O Varbrul (do inglês *variable rule*) tanto é entendido como um método analítico, com a especificação da variável dependente e das variáveis independentes, quanto como “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (Guy; Zilles, 2007, p. 105). Nesse sentido, o GoldVarb acomoda essa especificação, sendo um *software* criado por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005) para análise com regras variáveis, com análises univariadas ou multivariadas, e teve grande adesão em pesquisas de cunho linguístico, como verificado na realidade dos trabalhos pesquisados.



Somente quatro trabalhos – Bassi (2016), Bazzo (2024), Bazzo e Ferreira (2025) e Henrique, Amorim e Hora (2022) – indicaram ter utilizado as versões Rbrul e o programa R para realizar a análise estatística de seus dados. O R é uma linguagem e ambiente para computação estatística e gráficos, que roda na plataforma R ou programa R (The R Foundation, 2026), e que permite a análise de dados dos tipos produzidos em pesquisas de natureza linguística (Oushiro, 2014). O Rbrul é um desses programas, um *software* gratuito desenvolvido por Daniel Ezra Jhonson, o qual também roda na plataforma R. A principal contribuição do Rbrul para o tratamento de dados é a possibilidade de trabalhar tanto com efeitos fixos quanto com efeitos aleatórios (indivíduo e item lexical) (Gomes, 2012). Ademais, essa mesma vantagem pode ser conferida no uso dos *scripts* e fórmulas disponíveis no programa R, que contribuem consideravelmente para uma análise cada vez mais compreensível da heterogeneidade ordenada da variação linguística. Essa é uma metodologia mais recente e inovadora no processamento de dados dessa natureza, e, pelo menos, com relação ao fenômeno observado, ainda tem sido pouco utilizada entre os pesquisadores da área.

Adiante, nove trabalhos utilizaram uma metodologia de análise diferente, seja pela simples contagem com cálculo de porcentagem seja pelo emprego de outros programas, como o Mapeamento de Variação Linguística do Atlas Linguístico do Amazonas (MVL-ALAM), empregado por Brito (2011), quando da elaboração do Atlas Linguístico do Baixo Amazonas. Por fim, em 41 trabalhos não foi possível identificar o método ou programa para a análise quantitativa dos dados. Como não pudemos ter acesso ao original de alguns trabalhos, as sínteses apresentadas pelos autores-fonte preocupavam-se em apresentar mais os resultados de natureza linguística do que aspectos metodológicos. Além disso, as primeiras obras e pesquisas (como Amaral, 1920; Nascentes, 2023; Marroquim, 1934) não especificaram a metodologia, devido ao enfoque na descrição linguística a partir da observação particular dos pesquisadores. Fora isso, alguns trabalhos realmente não detalharam esse item tão caro e particular do percurso metodológico adotado, entendido, aqui, como algo ao qual não foi dada a devida importância, especialmente, em pesquisas de cunho sociolinguístico.

## 4 Considerações finais

A análise do estado da arte sobre a realização do arquifonema /S/ em coda medial no português brasileiro trouxe resultados significativos. Do ponto de vista geográfico, observa-se uma concentração de pesquisas em determinadas regiões, como o Norte e o Nordeste, ao passo que outras áreas, especialmente o Centro-Oeste e parte do Sul, permanecem sub-representadas, especialmente em municípios do interior.

A análise metodológica revelou uma predominância de abordagens quantitativas sustentadas por programas como Varbrul/GoldVarb, apesar da existência e disponibilidade de metodologias mais recentes, como o Programa R, para o emprego em trabalhos dessa natureza.

Além disso, conseguimos traçar um panorama dos condicionantes linguísticos, sociais e históricos que modulam a distribuição das variantes alveolar e alveopalatal em diferentes regiões do país nesse contexto específico do /S/. Os resultados evidenciam que a variante alveopalatal predomina nas regiões Norte e Nordeste, especialmente em áreas historicamente marcadas pela presença portuguesa e por processos migratórios específicos, enquanto a alveolar é mais frequente no Centro-Oeste, Sudeste e Sul, seguindo dinâmicas associadas à interiorização do português paulista.

Além dos condicionantes linguísticos – com destaque para o contexto seguinte [t] e a tonicidade da sílaba –, aspectos sociolinguísticos como sexo e faixa etária demonstram relevância significativa na explicação da variação, revelando um papel ativo das mulheres, ora na conservação de formas prestigiadas, ora na liderança de mudanças linguísticas.

Por fim, cumpre destacar que trabalhos não disponibilizados nas principais plataformas acadêmicas – ou cujos acessos são restritos – não puderam ser computados, o que representa um obstáculo à completude do levantamento e reforça a importância da ampliação do acesso ao conhecimento científico.

Como contribuição, este trabalho fornece um mapeamento crítico e atualizado que pode servir de base para novos estudos empíricos, particularmente em regiões ou recortes ainda pouco contemplados pela literatura. Espera-se, com isso, fomentar investigações que aprofundem a compreensão dos mecanismos de variação e mudança do /S/ em coda medial, articulando dados fonológicos a contextos sociais e históricos específicos da realidade linguística brasileira.

## 5 Referências

AGUIAR, Bianca Florencio de. *O estudo do -S em coda silábica nas cidades de Niterói, Macaé e Barra Mansa*. 2010. 240 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp134805.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 163 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=112540](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=112540). Acesso em: 17 dez. 2023.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa Editora O Livro, 1920. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=133862>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BASSI, Alessandra. *A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolinguística*. 2011. 192 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95921>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BASSI, Alessandra. *A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu: abordagem geolinguística*. 2016. 436 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina/ Universidade de Lisboa, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168088>. Acesso em: 12 nov. 2022.

BAZZO, Manoella Gonçalves. *O chiado no Araguaia paraense: aspectos sociolinguísticos*. 2024. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2024. Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/6617>. Acesso em: 10 maio 2026.

BAZZO, Manoella Gonçalves; FERREIRA, Rogério Vicente. Desconstruindo estereótipos sociolinguísticos: a realização do /S/ no Araguaia Paraense. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 19, 2025. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/76802>. Acesso em: 10 maio. 2026.

BHAT, D. N. Shankara. A general study of palatalization. In: GREENBERG, Joseph. (ed.). *Universals of human language*. Stanford: Stanford University Press, 1978. Phonology, v. 2. p. 47-92.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. S em coda de sílaba interna à luz da geo e da sociolinguística. *Signum*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 103-122, jul. 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4182/4597>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três*: uma abordagem não-linear. 1996. 245 f. Dissertação (Mestrado em Letras/ Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/76446>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A palatalização em coda em Florianópolis/SC: variáveis sociais. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 75-97, jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n1p75>. Acesso em: 22 jan. 2024.

BRITO, Roseanny Melo de. *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas - AFBAM*. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura no Amazonas) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/2355>. Acesso em: 16 dez. 2023.

CALLOU, Dinah. Um perfil da fala carioca. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Dos sons às palavras*: nas trilhas da língua portuguesa. Salvador: Edufba, 2009. p. 129-152. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.7476/9788523211851.10>. Acesso em: 24 jan. 2024.

CARDOSO, Letícia Pinto. *Atlas Linguístico dos Falares de Manaus – ALFAMA*. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6724>. Acesso em: 18 jan. 2024.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>. Acesso em: 21 abr. 2026.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; SEARA, Izabel; SILVA, Adelaide; RAUBER, Andreia Schurt; CANTONI, Maria. *Fonética acústica*: os sons do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019. 272 p.

CRUZ, Fabielle Rocha; FERREIRA, Jacques de Lima. Estudos de revisão em Educação: Estado da Arte e Revisão Sistemática. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 30, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rep/article/view/11512>. Acesso em: 12 maio 2026.

CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM. In: PAULA, Alessandra de; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista da; VIEIRA, Márcia dos Santos Machado; VIEIRA, Silvia Rodrigues (org.). *Uma história de investigações sobre a língua portuguesa*: homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2018. p. 141-150. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/09-21014>. Acesso em: 16 dez. 2023.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>. Acesso em: 11 maio 2026.

FIORAVANTI, Carlos. Ora pois, uma língua bem brasileira. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, v. 4, n. 230, abr. 2015. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>. Acesso em: 11 jul. 2024.

FONOLOGIA.ORG. *Fonética Articulatória: Aparelho Fonador: Consoantes*. [Porto Alegre]: Fonologia.org, [2026?]. Disponível em: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-aparelho-fonador/#consoantes>. Acesso em: 22 jan. 2024.

GOMES, Christina Abreu. Para além dos pacotes estatísticos Varbrul/GoldVarb e Rbrul: qual a concepção de gramática?. *Revista do Gelne*, Natal, v. 14, n. 1/2, p. 259-272, mar. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9373>. Acesso em: 29 fev. 2024.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HENRIQUE, Pedro Felipe de Lima; AMORIM, André Wesley Dantas de; HORA, Dermeval da. O papel do estilo no uso do /S/ pós-vocálico em uma amostra de recontato. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 3, n. 1, p. 1-24, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/621>. Acesso em: 7 jan. 2024.

HORA, Dermeval da. Processo de palatalização das fricativas na língua portuguesa. *Revista do Gelne*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 34-36, nov. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9256>. Acesso em: 22 jan. 2024.

HORA, Dermeval da. Teoria fonológica e variação: a fricativa coronal /s/. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 199-219, mar. 2002. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14167>. Acesso em: 22 jan. 2024.

HORA, Dermeval da; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. Da geolinguística à sociolinguística variacionista: um panorama da variação fonológica. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, p. 42-63, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v52iesp.1584>. Acesso em: 24 jan. 2024.

JESUS, Cláudia Santos de. *A variação fonética do <s> em tempo real em duas localidades sergipanas: Propriá e Estância*. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: [https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS\\_1f36166de4b1f67e38c817a7800c281d](https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_1f36166de4b1f67e38c817a7800c281d). Acesso em: 24 jan. 2024.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 1994. v. 1.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers Inc., 2001. v. 2.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sound's of the world languages: Fricatives*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996.

LIMA, Jares Gomes. *O jogo na comunidade de Caravelas - BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica*. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/server/api/core/bitstreams/8d0a0176-1aff-475c-95d4-5faed1c2b8e0/content>. Acesso em: 27 dez. 2023.

LIMA, Jares Gomes; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Restrições linguísticas na palatalização do /s/ pós-vocálico seguido de [t] ou [tʃ] na fala de Carave. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, n. 45, p. 30-46, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1126>. Acesso em: 27 dez. 2023.

LOURENÇO, Dayse de Souza; AGUILERA, Vandercy de Andrade. A realização das fricativas alveolares

das capitais da região Sudeste: um estudo a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 8., 2010, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: Eduel, 2010. p. 491-500. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/683347035/Palatalizacao-de-s>. Acesso em: 22 jan. 2024.

LUCCHESI, Dante. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: Edufba, 2009. p. 84-109. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vr2dr/pdf/ribeiro-9788523211851-06.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MAIA, Edson Galvão. *Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)*. 2018. 845 f. Tese (Doutorado em Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/a23bd480-c0a7-429a-b739-b888c271fe5a>. Acesso em: 24 jan. 2024.

MAIA, Edson Galvão; MARTINS, Flávia Santos; CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. Reflexões sobre a variação do /S/ em coda silábica no falar amazonense: a hipótese de uma isófona. *Sociodialeto*, [S. l.], v. 7, n. 20, p. 479-502, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/7806>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MARINS, Flávia Santos; MARGOTTI, Felício Wessling. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. *Revista Investigações*, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 249-274, jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/348/293>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MARROQUIM, Mario. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/103/1/25%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MONTEIRO, Renata Conceição Neves. *A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá*. 2009. 77 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6327>. Acesso em: 13 nov. 2022.

MOTA, Jacyra Andrade. Consoantes constritivas implosivas e vogais pretônicas no Nordeste. *Abralin: Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Recife, v. 1, n. 15, p. 233-237, jul. 1994. Disponível em: <https://abralin.org/wp-content/uploads/2018/12/boletim15a.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2023.

MOTA, Jacyra Andrade; JESUS, Cláudia Santos de; EVANGELISTA, Grace Kelly Souza. O <S> em coda silábica em capitais brasileiras: dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 41, p. 189-228, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/1094>. Acesso em: 23 jan. 2024.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Consoantes implosivas: áreas conservadoras no “falar baiano”. *Abralin: Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Maceió, v. 1, n. 21, p. 428-436, jun. 1997. Disponível em: <https://abralin.org/wp-content/uploads/2020/02/Boletim-da-ABRALIN.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2024.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Organização de Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Roberto Leiser Baronas. Araraquara: Letraria, 2023. Disponível em: <https://www.letraria.net/o-linguajar-carioca-em-1922/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de dados com o R para análise sociolinguísticas. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014. p. 133-176. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/download-pdf/270>. Acesso em: 22 jun. 2021.



PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 33-42.

QGIS.ORG. *Download QGIS para a sua plataforma*. Winterthur: QGIS.ORG, 2026. Disponível em: <https://qgis.org/download/>. Acesso em: 4 jun. 2026.

RAZKY, Abdelhak. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status da variável em contexto pós-vocálico. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 1, n. 41, p. 169-188, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/1094>. Acesso em: 22 jan. 2024.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As línguas gerais sul-americanas. *Papia*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 6-18, jan. 1996. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodrigues-1996/rodrigues\\_1996\\_linguas\\_gerais.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodrigues-1996/rodrigues_1996_linguas_gerais.pdf). Acesso em: 28 fev. 2024.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 11 maio 2026.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. *Acta Paulista De Enfermagem*, [s. l.], v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 11 maio 2026.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. *Goldvarb X: a variable rule application for macintosh and windows*. A variable rule application for Macintosh and Windows. 2005. Department of Linguistics, University of Toronto. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 28 fev. 2024.

SANTOS, Gredson dos. *O português afro-brasileiro de Helvécia-BA: análise de em coda silábica*. 2012. 278 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20082>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira Verthen Tavares de. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: REUNIÃO ANUAL DA ABRALIN, 2., 1989, Campinas. *Boletim*. Campinas: Abralín, 1991. v. 11, p. 165-180. Disponível em: <https://abralin.org/wp-content/uploads/2018/12/boletim11a.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SILVA, Greize Alves da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)*. 2018. 394 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000218332>. Acesso em: 21 jan. 2024.

THE R FOUNDATION. *The R Project for Statistical Computing*. Vienna: The R Foundation, 2026. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 27 jan. 2024.

TOLEDO, Gabriela Dias; CANTONI, Maria Mendes. Aspiração do /S/ em coda no português brasileiro: uma revisão sociolinguística. *Revista Colineares*, Mossoró, v. 8, n. 2, p. 21-46, jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RCOL/article/view/3450>. Acesso em: 22 jan. 2024.